



ARTIGOS

Programa de Habilidades Sociais e Projeto de Vida para Adolescentes em Instituições de Acolhimento

Social Skills and Life Project Program for Adolescents in Sheltering Institutions
Programa de Habilidades Sociales y Proyecto de Vida para Adolescentes en Instituciones de Acogida

Priscila Sá da Silveira¹

orcid.org/0000-0002-2339-7237
priscilasadasilveira@gmail.com

Vanessa Barbosa

Romera Leme¹

orcid.org/0000-0002-9721-0439
vanessaromera@gmail.com

Recebido em: 16 dez. 2024.

Aprovado em: 07 out. 2025.

Publicado em: 20 ago. 2026.

Resumo: Adolescentes em situação de acolhimento institucional precisam deixar a instituição ao completarem 18 anos para terem uma vida autônoma. No entanto, a literatura indica que falta apoio institucional e recursos pessoais e relacionais para realizar essa transição. Assim, o presente estudo avaliou os efeitos de um programa de habilidades sociais e projeto de vida com adolescentes em acolhimento institucional. Participaram 10 adolescentes (12-17 anos), de ambos os sexos, de três instituições. A intervenção, de caráter exploratório, teve um delineamento não experimental, com avaliações de pré-teste e pós-teste, sendo composta por oito encontros. O programa promoveu aumento nos níveis de empatia, civilidade, assertividade e abordagem afetiva, apoio social dos amigos e professores, autoeficácia geral, autonomia emocional e atitudinal e projeto de vida para relacionamentos afetivos, aspirações positivas, religião e espiritualidade. Os dados da pesquisa contribuirão com futuras intervenções e políticas públicas para adolescentes na transição da saída da instituição de acolhimento.

Palavras-chave: adolescentes; habilidades sociais; projeto de vida; intervenção.

Abstract: Adolescents in institutional care are required to leave the institution upon turning 18 to begin an autonomous life. However, literature indicates a lack of institutional support and personal and relational resources to facilitate this transition. Thus, the present study evaluated the effects of a social skills and life project program with adolescents in institutional care. Ten adolescents (aged 12–17), of both sexes, from three institutions participated. This exploratory intervention followed a non-experimental design with pre- and post-test assessments and consisted of eight sessions. The program promoted increases in levels of empathy, civility, assertiveness, and affective approach, as well as in perceived social support from friends and teachers, general self-efficacy, emotional and attitudinal autonomy, and life planning related to affective relationships, positive aspirations, religion, and spirituality. The research findings will contribute to future interventions and public policies aimed at supporting adolescents transitioning out of institutional care.

Keywords: adolescents; social skills; life project; intervention.

Resumen: Los adolescentes en situación de acogimiento institucional deben abandonar la institución al cumplir 18 años, enfrentando el desafío de iniciar una vida autónoma. No obstante, la literatura señala la escasez de apoyo institucional y de recursos personales y relacionales para esa transición. Este estudio evaluó los efectos de un programa de habilidades sociales y proyecto de vida con adolescentes en acogimiento institucional. Participaron 10 adolescentes (12–17 años), de ambos sexos, de tres instituciones. La intervención, de carácter exploratorio y diseño no experimental, incluyó ocho encuentros con evaluación pretest y posttest. Se observaron aumentos en empatía, civilidad, asertividad, aproximación afectiva, apoyo social (amigos y profesores), autoeficacia general, autonomía emocional y atitudinal, y planificación de vida en ámbitos como relaciones afectivas, aspiraciones positivas, religión y espiritualidad. Los hallaz-



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

¹ Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

gos contribuyen al diseño de futuras intervenciones y políticas públicas orientadas a adolescentes en proceso de egreso del acogimiento institucional.

Palabras clave: adolescentes; habilidades sociales; proyecto de vida; intervención.

Introdução

Em 2023, 31.989 crianças e adolescentes estavam em acolhimento institucional ou familiar no Brasil (Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome [MDS], 2023). Destas, 5,3% estavam em acolhimento familiar, enquanto 94,7% residiam em instituições de acolhimento conhecidas como abrigos residenciais ou casas-lares (Conselho Nacional de Justiça [CNS], 2023). No que se refere à idade, havia 5.252 adolescentes entre 16 e 18 anos em acolhimento institucional (CNS, 2023). A idade legal para sair do acolhimento no Brasil é 18 anos e, apesar da necessidade de moradia transitória, em 2022, o governo ofereceu apenas 557 vagas em repúblicas (moradias comunitárias) em todo o país, distribuídas entre 67 dessas instalações (MDS, 2023).

As Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes estabelecem quatro tipos distintos de serviços de acolhimento para crianças no Brasil (Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente [CONANDA], 2009): (1) abrigo residencial: acomoda até 20 crianças, com cuidadores trabalhando em turnos; (2) casa-lar: acomoda até 10 crianças e adolescentes, com um cuidador residindo na casa; (3) família acolhedora: famílias cadastradas e selecionadas responsáveis por cuidar de uma criança, adolescente ou grupo de irmãos em suas próprias casas; (4) república: proporciona abrigo para jovens que deixam o acolhimento, com idades entre 18 e 21 anos. Essas modalidades visam atender às diversas necessidades das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, proporcionando um ambiente seguro e adequado para seu desenvolvimento. O acolhimento institucional é uma medida de proteção provisória e excepcional para aquelas crianças e adolescentes que tiveram seus direitos ameaçados e/ou violados, não

implicando privação de liberdade (CONANDA, 2009). Contudo, o acolhimento institucional de adolescentes no Brasil apresenta desafios significativos, especialmente devido às reduzidas possibilidades de retorno à família de origem ou colocação em família substituta (CONANDA, 2009).

De acordo com as Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (CONANDA, 2009), deve-se prestar especial atenção aos adolescentes, uma vez que a realidade da adoção no país privilegia crianças menores de 11 anos, resultando em uma alta probabilidade de permanência na instituição até a maioridade. Essa condição exige a construção de projetos que fortaleçam a convivência comunitária, ampliem o acesso à educação e qualificação profissional e promovam a autonomia progressiva dos adolescentes, auxiliando-os na transição para a vida adulta e saída da instituição (CONANDA, 2009). No entanto, o processo de transição desses jovens é abrupto, com pouca preparação gradual para a emancipação e separação das fontes de apoio social encontradas na instituição (Cassarino-Perez, 2018). A transição é repleta de adversidades, para as quais os adolescentes não estão adequadamente preparados, devido à falta de rigor no cumprimento de leis e diretrizes existentes e à ausência de programas e políticas públicas específicas (Cassarino-Perez, 2018; Cassarino-Perez et al., 2020).

Diante desses desafios enfrentados pelos adolescentes em situação de acolhimento, é importante incentivar a sua autonomia, preparando-os para a vida após a maioridade. A formulação de um plano de ação de longo prazo é essencial, com metas estabelecidas em áreas diversas, como profissional, educacional e afetiva, requerendo o suporte de indivíduos significativos (Leão et al., 2011). Nesse sentido, diversas pesquisas indicam que a promoção de habilidades sociais contribui para relações interpessoais positivas, percepção de apoio social e fortalecimento das crenças de autoeficácia em adolescentes (Del Prette & Del Prette, 2017; Leme et al., 2016; Samssudin & Barros, 2011).

Somado a isso, crenças robustas de autoeficácia favorecem projetos de vida, enquanto a percepção de incapacidade resulta em projetos empobrecidos (Bastos, 2014). Desse modo, nota-se a importância da percepção de apoio social e das habilidades sociais, que podem favorecer o aumento da crença de autoeficácia, já que uma das fontes de fortalecimento de crenças de autoeficácia é o encorajamento por meio de pessoas significativas (Bandura, 1994; Leme et al., 2016). Portanto, para adolescentes em instituições de acolhimento, o fortalecimento da crença em sua autoeficácia contribui para o desenvolvimento de projetos de vida sólidos e positivos (Bastos, 2014). A percepção de apoio social e o aprimoramento das habilidades sociais são fundamentais nesse processo, pois contribuem para um aumento na crença de autoeficácia (Leme et al., 2016). Assim, o encorajamento de pessoas significativas e a criação de um ambiente de apoio podem fazer uma diferença significativa, ajudando esses jovens a construir um futuro mais promissor e a enfrentar os desafios da transição para a vida adulta com maior confiança (Silveira, 2020).

Evidências científicas mostraram déficits em habilidades sociais entre adolescentes em acolhimento, como empatia, cooperação, assertividade e autocontrole (Calabar, 2018; Palacios et al., 2013; Silveira, 2020). Por sua vez, programas de habilidades sociais no Brasil e no México mostram que intervenções podem aumentar habilidades sociais, tais como expressar carinho, pedir ajuda, assertividade e resolução de problemas (Leme et al., 2016; Souza et al., 2021; Fernandes, 2021; Fragoso et al., 2012). Especificamente no contexto institucional, o programa "Por Uma Nova Vida" sinalizou eficácia na promoção de habilidades sociais e resiliência entre adolescentes em situação de acolhimento (Carvalho et al., 2015). Já outros programas focados em desenvolver projetos de vida também demonstraram importância na inclusão social e na melhoria das condições de vida em adolescentes (Howes, 2012; Gomes et al., 2016).

Considerando a escassa literatura sobre a transição para a vida adulta de adolescentes

em acolhimento no Brasil, este estudo teve por objetivo avaliar os efeitos de um programa de habilidades sociais e projeto de vida com adolescentes em acolhimento institucional (Poker, 2017; Cassarino-Perez, 2018). As informações obtidas com o estudo poderão oferecer indicadores de viabilidade do programa, contribuindo para publicações científicas e políticas públicas com adolescentes em instituições de acolhimento. A partir da revisão de literatura, tem-se por hipóteses: H1: a intervenção aumentará os níveis de habilidades sociais; H2: a intervenção aumentará a percepção de apoio social; H3: a intervenção aumentará as crenças de autoeficácia; H4: a intervenção aumentará a autonomia; H5: a intervenção contribuirá para a construção de projeto de vida.

Método

A pesquisa apresenta um recorte transversal, com uma abordagem qualitativa-quantitativa. O programa de intervenção, caracterizado por um estudo piloto, foi composto por uma amostra de conveniência, sob delineamento não experimental e com avaliações de necessidades, pré-teste e pós-teste e processo. No presente estudo são descritos os resultados das avaliações de pré-teste e pós-teste, já as demais avaliações podem ser consultadas em Silveira (2024).

Participantes

Participaram da intervenção 10 adolescentes de três instituições de acolhimento (tipo abrigo residencial) de diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro, sendo cinco meninas e cinco meninos, com idade entre 12 anos e 17 anos ($M=14,7$ anos, $DP=1,79$). Dentre os participantes, quatro meninas provinham de uma instituição de acolhimento não governamental, duas adolescentes de uma instituição governamental, sendo que uma das adolescentes não respondeu ao pós-teste e à entrevista final, portanto, apenas os dados de uma e de cinco meninos de uma instituição de acolhimento governamental foram contabilizados. O critério de inclusão dos adolescentes foi o tempo de acolhimento superior a duas

semanas e o critério de exclusão foi a presença de transtorno grave do desenvolvimento. A maior parte dos adolescentes ($n=7$, 70%) era negra e todos frequentavam escolas públicas, sendo que 30% ($n=3$) faziam curso profissionalizante. Os participantes mantinham contato com a família de origem, possuíam irmãos, mas apenas três viviam com eles na instituição. O tempo médio de vivência em instituições, não contando apenas com a instituição atual, mas desde a primeira vez que esteve em acolhimento, foi de 4,5 anos. A idade média em que os adolescentes entraram na primeira instituição de acolhimento foi de 10,06 anos, sendo a menor idade dois anos e a maior 17 anos. Os fatores que motivaram o acolhimento institucional das crianças e adolescentes incluíram cumprimento de medida socioeducativa de liberdade assistida, devolução após passagem por família substituta, uso de substâncias ilícitas por parte dos responsáveis, abuso de álcool, violência sexual, psicológica, emocional e física, além de situações de abandono, conflitos familiares, negligência e ausência de condições básicas de moradia. Ressalta-se, contudo, que a Lei n. 13.257 (2016) – denominada Marco Legal da Primeira Infância –, ao dispor sobre políticas públicas voltadas à primeira infância e ao alterar dispositivos do Estatuto da Criança e do Adolescente Lei n. 8.069, 1990), suprimiu a expressão que determinava que a criança deveria ser criada e educada “em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes”. Atualmente, o ECA (Lei n. 8.069, 1990), em seu artigo 19, estabelece que: “*É direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral*”. Essa modificação legislativa teve como objetivo coibir interpretações que fundamentassem a separação da criança de seu núcleo familiar exclusivamente em razão da dependência química de seus pais ou responsáveis.

Instrumentos

Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA)

Instrumento desenvolvido por Del Prette e Del Prette (2009) para avaliar as habilidades sociais de adolescentes a partir dos seus autorrelatos sobre situações cotidianas. Apresenta 38 itens que contemplam diferentes habilidades divididas em seis fatores: (1) empatia; (2) autocontrole; (3) civilidade; (4) assertividade; (5) abordagem afetiva; (6) desenvoltura social. As respostas estão dispostas em uma escala do tipo Likert que varia de 0 (nunca) a 4 (sempre). Del Prette e Del Prette (2009) administraram o instrumento a 1172 adolescentes de ambos os gêneros e encontraram índices satisfatórios de consistência interna ($\alpha = 0,89$ para a escala total e de 0,68 a 0,85 para os fatores de frequência). Instrumento comercializado.

Escala de Percepção de Apoio Social (SSA)

É um instrumento desenvolvido para examinar a percepção de apoio social de crianças e adolescentes em relação à família e aos amigos. A versão breve da escala foi validada para a população de adolescentes brasileiros (idade entre 9 e 18 anos) por Squassoni et al. (2016), com valores de alfa de Cronbach entre 0,71 e 0,83 para os fatores e total ($\alpha=0,89$). É composta por 23 itens dispostos numa escala tipo Likert de seis pontos, que varia de Discordo totalmente (1) a Concordo totalmente (6) e contemplam quatro fatores: (1) Percepção de apoio social da família ($\alpha=0,57$); (2) Percepção de apoio social dos amigos ($\alpha=0,72$); (3) Percepção de apoio social dos professores ($\alpha=0,79$); e (4) Percepção de apoio social dos outros em geral ($\alpha=0,71$). Esse último fator não será incluído na pesquisa porque se objetiva investigar apoios específicos. Instrumento de acesso público.

Escala de Autoeficácia Generalizada (EAG)

É originária da Alemanha e foi adaptada para

diferentes culturas para identificar as crenças de autoeficácia diante de situações difíceis de participantes de diferentes origens socioeconômicas e idades, incluindo adolescentes. No Brasil, foi adaptada para uma amostra de adolescentes por Leme et al. (2013) e tem 10 itens, distribuídos numa escala tipo Likert de quatro pontos, variando de Discordo Totalmente (1) a Concordo Totalmente (4). No estudo de validação foi encontrado um índice adequado de consistência interna para a escala: $\alpha = 0,85$. Instrumento de acesso público.

Questionário de Autonomia (QUEA)

Instrumento traduzido e adaptado para o português brasileiro por Barbosa (2014). Tem por objetivo avaliar as diferentes dimensões da autonomia, segundo a percepção dos adolescentes. O instrumento tem 15 itens e é composto por três subdimensões: (1) Autonomia funcional ($\alpha = 0,66$); (2) Autonomia Emocional ($\alpha = 0,73$); (3) Autonomia atitudinal ($\alpha = 0,85$). Os itens são respondidos numa escala tipo Likert de cinco pontos (1=Discordo Completamente; 5=Concordo Completamente). Instrumento de acesso público.

Escala de Projetos de Vida para Adolescentes (EPVA)

Instrumento desenvolvido por Dellazzana-Zanon et al. (2019), tem por objetivo avaliar a percepção de adolescentes sobre seus projetos de vida para daqui 10 anos. É composta de 42 itens dispostos numa escala tipo Likert de 5 pontos, que varia de Discordo totalmente (1) a Concordo totalmente (5). A escala é composta por cinco dimensões: (1) Religiosidade ($\alpha = 0,72$); (2) Carreira ($\alpha = 0,73$); (3) Aspirações positivas ($\alpha = 0,74$); (4) Bens materiais ($\alpha = 0,72$); (5) Relacionamentos afetivos ($\alpha = 0,78$). Para o levantamento de escores da EPVA é preciso, inicialmente, inverter os itens negativos e, posteriormente, deve-se efetuar uma média simples dos itens dos fatores para obtenção dos escores dos participantes por fator. Instrumento disponibilizado pelos autores.

Entrevista semiestruturada de pós-teste para adolescente em instituição de acolhimento

É um instrumento elaborado para este estudo, sendo baseado na literatura sobre acolhimento institucional, com intuito de investigar, junto aos adolescentes participantes da intervenção, qual foi a percepção deles sobre o programa (Conanda, 2009; Cassarino-Perez, 2018; Silveira, 2020). Na construção do instrumento, a pesquisadora e a orientadora revisaram as perguntas antes da aplicação. A entrevista é composta por seis perguntas, que buscam compreender a percepção dos adolescentes sobre o programa, as informações obtidas no programa e como as informações obtidas podem ser utilizadas no dia a dia.

Procedimentos

Primeiramente, a pesquisadora teve a autorização da Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS), da Prefeitura do Rio de Janeiro, para realizar a pesquisa em duas instituições governamentais. Na sequência, foi solicitado a anuência para a realização do estudo em outra instituição não governamental, sendo esse procedimento necessário para compor a amostra. Em posse das autorizações, o projeto foi submetido e aprovado no Comitê de Ética (CAAE: 49262921.9.0000.5282). Posteriormente, a pesquisadora visitou as instituições para apresentar a pesquisa e seus objetivos. A coleta de dados teve início em julho de 2022 e término em maio de 2023. A intervenção implementada nas três instituições utilizou os mesmos procedimentos e se iniciou nos abrigos residenciais governamentais. O programa foi composto de oito encontros, com duas horas de duração, e ocorreu ao longo de duas semanas, sendo aplicada pela primeira autora, que tinha capacitação em condução de grupos psicoeducativos e oficinas com adolescentes, com temas relativos aos objetivos deste estudo.

O programa ocorreu dentro das instituições de acolhimento, que disponibilizaram espaços como sala de estar, biblioteca, quintal e sala de

jantar para que a intervenção fosse realizada. Cada encontro seguiu um roteiro estruturado, com seis etapas: (1) falar sobre os sentimentos do dia; (2) retomada do encontro anterior e comentário sobre as tarefas interpessoais de casa; (3) introdução ao tema da sessão; (4) atividade central; (5) sistematização do tema apresentado e a tarefa do dia; (6) *feedback* do encontro. Uma semana antes do início do programa, e depois do último encontro, os participantes responderam aos instrumentos de pré-teste, pós-teste e entrevista final. A aplicação dessas avaliações foi feita de forma individual e a pesquisadora leu cada item dos instrumentos, fez cada pergunta da entrevista e anotou as respostas dos adolescentes. A seleção dos temas e das classes de habilidades sociais que compuseram a intervenção ocorreu por meio da revisão de literatura e por meio dos dados coletados na avaliação de necessidades, que ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com duas psicólogas, 16 educadores sociais e 19 adolescentes (Souza et al., 2021; Fernandes, 2021; Howes, 2012; Gomes et al., 2016; Del Prette & Del Prette, 2017). A descrição detalhada sobre essa avaliação pode ser acessada em Silveira (2024). Desse modo, os temas e as habilidades sociais trabalhados foram: (1) Reconhecer emoções, reconhecer crenças de autoeficácia e construir projeto de vida, reconhecer as próprias habilidades, automonitoria, autocontrole, autoconhecimento e emoções; (2) Melhorando minhas relações e descobrindo possibilidades, civilidade e comunicação; (3) Melhorando minhas relações e fortalecendo minha rede de apoio para a construção de autonomia e projeto de vida, empatia; (4) Aprendendo a dizer não para construir melhores projetos de vida e alcançar a autonomia, assertividade; (5) Manejar conflitos e resolver problemas; (6) Expressar afeto e intimidade; (7) Escolha profissional e projeto de vida; (8) Retomada dos conceitos de projeto de vida, habilidades sociais, autoeficácia, percepção de apoio social e autonomia.

Os temas e as classes de habilidades sociais desenvolvidos em cada encontro seguiram uma ordem crescente de complexidade, conforme

recomendação de Del Prette e Del Prette (2017). Os procedimentos de ensino envolveram vivências (como atividade principal), dinâmicas lúdicas, leitura de livros, exposições dialogadas e *feedback*. Todas essas atividades foram adequadas às necessidades e à escolaridade desse público. Assim, os encontros tiveram como objetivo levantar expectativas dos adolescentes sobre o futuro, investigar habilidades e recursos dos adolescentes, estabelecer metas em diferentes áreas da vida, mostrar possibilidades no mercado de trabalho e no campo acadêmico, identificar problemas e formular estratégias alternativas de resolução de problema, prever consequências de decisões e escolher estratégia de enfrentamento, identificar e buscar apoio social na instituição e entre os pares. Em todos os encontros as classes de habilidades sociais foram abordadas com o objetivo de que os adolescentes melhorem suas relações, atuando de forma a buscar compreender o que as pessoas pensam e sentem, aprender a se expressar de maneira empática, expressar sentimentos e pensamentos de forma clara e consistente em momentos de desagrado e encontrar resolução dos problemas interpessoais.

Análise de dados

Os dados foram transpostos para Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), versão 22.0. Na sequência foi analisada e verificada a ausência de normalidade na amostra. Assim, foram realizadas estatísticas não paramétricas. Primeiramente, os resultados das comparações entre as medidas do pré-teste e pós-teste da intervenção foram calculados por meio do teste de Wilcoxon. As entrevistas semiestruturadas realizadas com os adolescentes ao final do programa foram gravadas, com o assentimento dos participantes, transcritas na íntegra e submetidas a análise de conteúdo (Bardin, 1979). Desta forma, foram realizados os seguintes procedimentos: (a) transcrição e revisão dos dados e anotação de ideias iniciais para codificação; (b) releitura das entrevistas e extração de códigos utilizando as falas literais dos participantes; (c) criação de

temas preliminares a partir do agrupamento de núcleos que se relacionavam; (d) definição das categorias, identificando novamente se não havia sobreposição de temas. Nesta etapa, categorias foram criadas e refinadas a partir da homogeneidade interna e heterogeneidade externa. As etapas "c" e "d" foram realizadas a partir de discussões entre as duas autoras. Foi realizada uma leitura cuidadosa das transcrições das entrevistas dos adolescentes e foram identificadas três categorias: (1) avaliação do encontro pelo adolescente; (2) aspectos relacionais desenvolvidos pelos adolescentes; (3) mudanças percebidas pelos adolescentes a partir da intervenção. Após a definição das categorias, dois juízes realizaram uma revisão das categorias para observar padrões coerentes para controle de qualidade a fim de validar a análise.

Resultados

A Tabela 1 apresenta o resultado das comparações entre as medianas do pré-teste e pós-teste da intervenção, referentes às habilidades sociais, a percepção de apoio social, crenças de autoeficácia, autonomia e projeto de vida. Conforme a Tabela 1, os adolescentes em acolhimento institucional apresentam no pós-teste maiores níveis de habilidades sociais no escore total e nos fatores empatia, civilidade, assertividade e abordagem afetiva, em comparação ao pré-teste. Além disso, apresentam no pós-teste maiores níveis de percepção de apoio social e nos fatores amigos e professores, maiores níveis de autoeficácia geral, maiores níveis de autonomia total, autonomia emocional, autonomia atitudinal. Da mesma forma, houve aumento, após a intervenção, nos níveis do total de projeto de vida e nas dimensões relacionamentos afetivos, aspirações positivas e religião e espiritualidade, em comparação ao pré-teste.

Tabela 1 - Comparação das Medianas das Habilidades Sociais, Percepção de Apoio Social, Autoeficácia, Autonomia e Projeto de Vida

Variável	Pré-teste	Pós-teste	Z
Mediana			
Total de Habilidades Sociais	93,00	127,00	-2,80*
Empatia	19,50	29,50	-2,44*
Autocontrole	15,00	15,50	-1,79
Civilidade	16,00	20,00	-2,49*
Assertividade	19,00	24,00	-2,67*
Abordagem Afetiva	13,50	18,00	-2,81*
Desenvoltura Social	13,00	15,00	-1,78
Total Percepção de Apoio Social	58,50	70,50	-2,19*
Apoio Social Amigos	18,00	23,50	-2,68*
Apoio Social Família	30,00	25,50	-0,41
Apoio Social Professor	17,00	25,00	-2,52*
Autoeficácia Geral			
Total	28,50	54,00	-2,81*
Total Autonomia	43,50	54,50	-2,80*
Funcional	19,50	19,00	-0,79
Emocional	14,50	18,00	-2,53*
Atitudinal	10,50	17,50	-2,82*

Variável	Pré-teste	Pós-teste	Z
Mediana			
Total Projeto de Vida	154,50	189,50	-2,80*
Relacionamentos Afetivos	28,00	35,50	-2,80*
Estudos	49,00	49,50	-0,94
Aspirações Positivas	18,50	32,00	-2,80*
Bens Materiais	41,50	43,00	-0,63
Religião e Espiritualidade	21,50	31,00	-2,67*

Nota. Z: teste Wilcoxon.

* $p < 0,05$

O Quadro 1 apresenta três categorias que dizem respeito à avaliação dos adolescentes do programa de habilidades sociais e projeto de vida sobre as aprendizagens que eles tiveram e às mudanças percebidas por eles a partir dos encontros, sendo elas: (1) avaliação do encontro pelo adolescente, que diz respeito a como os adolescentes perceberam os encontros, se consideraram satisfatórios ou não; (2) aspectos relacionais desenvolvidos pelos adolescentes, que diz respeito a quais dos aspectos trabalhados ao longo dos encontros os adolescentes perceberam que desenvolveram; (3) mudanças percebidas pelos adolescentes a partir da intervenção, que diz respeito às mudanças percebidas no dia a dia a partir da participação deles na intervenção. Conforme o Quadro 1, os adolescentes em acolhimento institucional avaliaram de forma amplamente positiva a participação no programa de habilidades sociais e projeto de vida. A maioria atribuiu nota máxima aos encontros, destacando que se sentiram acolhidos e reconheceram o espaço como propício à escuta, ao diálogo e à expressão de pensamentos e sentimentos. Os adolescentes enfatizaram que os encontros

favoreceram o autoconhecimento, o crescimento pessoal e foram conduzidos com paciência e sensibilidade para lidar com a diversidade de perfis e experiências do grupo. Apesar de algumas ressalvas, como a presença de outros adolescentes com os quais possuíam conflitos prévios ou o incômodo com os questionários, os participantes expressaram satisfação com a metodologia adotada e com a condução da facilitadora. No que se refere às aprendizagens atribuídas à participação no programa, os adolescentes relataram maior desenvolvimento em diversas classes de habilidades sociais, com ênfase recorrente na empatia. Além desta, destacaram ganhos em assertividade, autocontrole, civilidade, expressão de sentimentos, resolução de problemas, autonomia e elaboração de projeto de vida. As mudanças percebidas foram expressas por meio de exemplos, a saber: relatos de atitudes mais assertivas diante de pressões externas, maior paciência em situações desafiadoras, aumento da disposição para ajudar pessoas próximas e ampliação de comportamentos de respeito, escuta, gentileza e diálogo.

Quadro 1 - Avaliação dos Adolescentes do Programa de Habilidades Sociais e Projeto de Vida

Participantes	Avaliação do encontro pelo adolescente	Aspectos relacionais desenvolvidos pelos adolescentes	Exemplos das mudanças percebidas pelos adolescentes a partir da intervenção
Menina 17 anos	10 (nota). Porque era um grupo que eu achava legal. Achava legal falar, sentia que as pessoas me ouviam. Eu tinha a oportunidade de falar... Acho importante ter (o grupo), porque nem todos adolescentes de uma instituição são iguais aos outros. Um tem mais dificuldade, outros tem menos. Então, dá esse lugar de falar para esses adolescentes é uma boa oportunidade.	Assertividade e Empatia.	Eu achava mais fácil colocar os desejos dos outros em primeiro lugar do que colocar os meus. Então, eu fui de agradar ou outros para me agradar. Então agora eu me agrado... Aqui eles dão muita opinião sobre o seu futuro. Aconteceu isso hoje. Conte pra tia da cozinha que eu ia sair daqui e iria alugar uma casa e ela falou assim: "não, não aluga uma casa. vai morar com seu namorado". Eu falei: "não, não vou morar com meu namorado". Ela falou: "por enquanto". Eu disse: "não. Pra quê?". Ela perguntou: "qual medo você tem? Medo de não dar certo? não ter pra onde ir?". Então, no caso, eu fui assertiva nesse momento, eu pensei em mim no meu futuro.
Menina 13 anos	Foi bom! 10 (nota).	Empatia e expressão de sentimentos positivos.	De eu mostrar sentimentos e ajudar os outros quando precisam
Menina 13 anos	Foi bom e legal. Vou dar 9,5, porque tem gente que eu gostaria que não participasse. Foi legal, a senhora conduziu bem.	Civilidade.	Ser uma pessoa mais gentil, educada.
Menino 17 anos	Foi bom, foi ótimo, aprendi de coisas novas. 10 (nota), porque eu gostei das aulas, as aulas é boa. Eu aprendi um pouco mais com a senhora, a senhora aprendeu mais um pouco de mim. E a educação, a gentileza, o comportamento, é tudo essencial na nossa vida.	Civilidade, autocontrole e resolução de problemas.	A educação que eu não tinha muito, mas eu aprendi conforme nessas aulas (civilidade).
Menino 14 anos	Foi bom! 10 (nota). É porque eu achei legal, toda hora que passava o tempo, mas a única coisa que eu não gostei foi dessas coisas (questionários). Foi ótimo, porque eu gostava daquele jogo da cartinha.	Autocontrole e assertividade.	Eu aprendi a ter paciência.
Menino 14 anos	Foi maravilhoso, gostei. Foi um aprendizado, foi uma coisa que a gente interagiu mais. 10 (nota). Se pudesse dar 1.000, eu dava 10.000, mas...	Empatia e expressão de sentimentos.	Os complementar de ter empatia, que é o diálogo... Conseguir auxiliar a pessoa quando a pessoa está triste.
Menino 17 anos	Foi libertador. 10 (nota)	Empatia.	Aprendi a me manter calma, aprendi as quatro letrinhas que é diálogo, paciência, humildade e empatia.

Participantes	Avaliação do encontro pelo adolescente	Aspectos relacionais desenvolvidos pelos adolescentes	Exemplos das mudanças percebidas pelos adolescentes a partir da intervenção
Menina 16 anos	Foi muito legal (o programa), aprendi bastante coisas. Foi bom para o meu autoconhecimento, meu crescimento pessoal, intelectual também, mas foi bem difícil. Me estressei bastante, por conta de certas pessoas, mas querendo ou não, foi bom... achei que você conduziu bem, teve muita paciência, porque tem que ter muita paciência, porque são pessoas diferentes, personalidades diferentes, distintas, e eu acho que você conduziu bem, é isso. 10 (nota).	Empatia, autonomia, autocontrole e projeto de vida.	Praticando fazer o melhor na vida dos outros e na minha também.
Menina 12 anos	Foi muito interessante. Foi muito bom, a gente gostou muito... E que... Você voltasse também. 10 (nota).	Empatia e civilidade.	Aprendi a respeitar as pessoas.
Menino 14 anos	Ah, foi legal, foi bom. 11 (nota). É que você é uma professora excelentíssima.	Empatia, civilidade e resolução de problemas.	Tem o negócio da empatia, tem o negócio do saber escutar, tem o negócio da educação, do negócio do por favor, desculpa, essas coisas assim.

Discussão

Há uma escassez de intervenções nacionais voltadas para adolescentes em situação de acolhimento institucional, especialmente no que diz respeito ao momento de saída das instituições, conforme sinalizado por Cassarino-Perez (2018). Leal et al. (2023) corroboram essa lacuna ao constatarem, em uma revisão sistemática, uma produção científica limitada sobre autonomia e projetos de vida em instituições de acolhimento no Brasil, identificando apenas seis artigos relevantes. Esses autores também destacam que as intervenções existentes frequentemente se restringem à preparação e inserção profissional, sem abordar de forma abrangente outras dimensões da autonomia. Desse modo, a presente pesquisa, ao implementar uma intervenção para promover habilidades sociais e construção de projeto de vida, visou preencher essa lacuna e avaliar seus efeitos sobre o repertório de habilidades sociais, percepção de apoio social, crenças de

autoeficácia, autonomia e projeto de vida dos adolescentes em acolhimento institucional.

Após a intervenção, os adolescentes apresentaram maiores níveis de habilidades sociais no escore total e nos fatores empatia, civilidade, assertividade e abordagem afetiva no pós-teste. Esses achados corroboram em parte a hipótese H1 e estão alinhados a outras pesquisas. De fato, a efetividade de programas para adolescentes também foi verificada em estudos prévios, com resultados positivos na promoção de habilidades sociais (Fernandes, 2021; Leme et al., 2016; Souza et al., 2021). Intervenções com adolescentes em situação de acolhimento, tais como "Por Uma Nova Vida", de Carvalho et al. (2015), e o programa de Gomide (2010), adaptado por Valin e Rocha (2022), evidenciaram redução de problemas de comportamento e aumento no desempenho escolar, indicando que essas ações podem contribuir para o desenvolvimento dos adolescentes em acolhimento institucional.

Mediante os resultados obtidos, nota-se que promover habilidades sociais pode trazer ganhos positivos para os participantes de intervenções que as promovam. Tratando-se de adolescentes em acolhimento, essas ações tornam-se fortemente relevantes, já que a literatura destaca um repertório deficitário de habilidades sociais entre os adolescentes em acolhimento institucional (Silveira, 2020; Calabar, 2018). Cordeiro et al. (2022) encontraram que crianças e adolescentes institucionalizados apresentam menor repertório de habilidades sociais e mais problemas de comportamento do que os não institucionalizados. Silva et al. (2021) corroboram essa conclusão, indicando que crianças e adolescentes não institucionalizados se percebem mais habilidosos socialmente e que professores identificam maiores problemas de comportamento entre os adolescentes em acolhimento institucional. Esses dados reforçam a necessidade de intervenções que promovam habilidades sociais, com implicações diretas para a construção de políticas públicas voltadas para adolescentes em acolhimento.

Os achados também mostraram que a percepção de apoio social dos amigos e professores teve aumento no pós-teste, corroborando em parte a H2. Silveira (2020) sugere que a percepção de apoio social está associada às crenças de autoeficácia, uma vez que a sensação de aceitação e valorização promove pensamentos mais positivos sobre si mesmo. Estudos adicionais, como o de Cruz et al. (2022), indicam que intervenções que promovem a percepção de apoio social podem favorecer o desenvolvimento socioemocional dos adolescentes em acolhimento institucional, reforçando a importância do apoio recebido por familiares e funcionários das instituições de acolhimento. A correlação entre habilidades sociais e percepção de apoio social foi confirmada por Fernandes (2021), que encontrou um aumento na percepção de apoio social após a realização de um programa de habilidades sociais com adolescentes. Leme et al. (2016) observaram que adolescentes com melhor repertório de habilidades sociais tendem

a identificar e buscar apoio social com mais facilidade. Esses resultados são consistentes com o estudo de Segrin et al. (2016), que indicou que déficits em habilidades sociais reduzem as oportunidades de obter apoio social, ao passo que um bom repertório de habilidades sociais pode ajudar a pessoa a desenvolver e ampliar sua rede de apoio social, atuando como um fator de proteção contra adversidades.

Os resultados pós-teste revelaram um aumento significativo nos níveis de autoeficácia geral, corroborando a H3. Esse achado indica que a promoção de habilidades sociais e a psicoeducação sobre crenças de autoeficácia podem resultar em ganhos positivos, alinhando-se aos achados de Cepukiene et al. (2018). Os autores realizaram um estudo para avaliar as mudanças na autoeficácia e no funcionamento psicológico, durante uma intervenção para promoção de autoeficácia com 58 adolescentes de três lares adotivos na Lituânia. A pesquisa mostrou que a autoeficácia é um importante agente na ajuda aos adolescentes de grupos em vulnerabilidade social, favorecendo desenvolvimento positivo em aspectos psicossociais e frente às adversidades.

Em relação à autonomia, verificou-se aumento nos níveis de autonomia total, autonomia emocional, autonomia atitudinal, corroborando em parte a H4. Tal resultado mostra que a promoção de habilidades sociais pode favorecer o processo pelo qual os adolescentes desenvolvem a capacidade de tomar decisões independentes e gerir suas próprias vidas de forma responsável. Como a autonomia é construída na relação com outros (Barbosa & Wagner, 2015), a intervenção em habilidades sociais contribui para o seu desenvolvimento nos adolescentes de abrigos residenciais. De forma semelhante, houve aumento no total de projeto de vida e nos fatores aspirações positivas e religião e espiritualidade, corroborando em parte a H5. Durante a adolescência, pessoas significativas, como familiares e pares contribuem para a construção de projeto de vida (Leão et al., 2011). Assim, é possível que a promoção de habilidades sociais tenha tornado os relacionamentos dos adolescentes nos abri-

gos residenciais mais afetuosos e apoiadores, contribuindo com a construção dos seus projetos de vida. Isso se torna particularmente importante para aqueles adolescentes que estão próximos de deixar as instituições e precisam definir objetivos claros e realistas, além de criar um plano de ação para alcançar seus sonhos, considerando os recursos necessários e possíveis desafios.

Alinhada aos resultados dos instrumentos, a entrevista final com os adolescentes indicou que foram observadas mudanças positivas em suas vidas, como maior paciência, escuta, diálogo, gentileza e respeito. Tais evidências qualitativas corroboram os achados quantitativos da intervenção, demonstrando que os adolescentes não apenas reconheceram transformações em seu repertório comportamental e emocional, mas também conseguiram nomear e exemplificar essas mudanças a partir de suas vivências cotidianas. Isso sugere que o programa promoveu o desenvolvimento de habilidades sociais e a internalização e aplicação prática dessas competências em contextos reais de convivência. Desse modo, a intervenção também promoveu autoconhecimento e crescimento pessoal, destacando a importância de programas estruturados para apoiar o desenvolvimento de habilidades sociais em ambientes institucionais. Assim, as informações com a intervenção poderão contribuir para futuras capacitações com educadores sociais (Wendt & Dell'Aglia, 2024). Portanto, esses resultados sublinham a efetividade do programa em preparar os adolescentes para uma transição mais adequada para a vida fora da instituição de acolhimento.

Considerações finais

Os resultados deste estudo demonstraram que é viável implementar um programa de habilidades sociais e projeto de vida com adolescentes em acolhimento institucional, contribuindo significativamente para o aumento do repertório de habilidades sociais, percepção de apoio social, crenças de autoeficácia, autonomia e desenvolvimento de um projeto de vida. O pós-teste revelou maiores níveis de habilidades sociais,

incluindo empatia, civilidade, assertividade e abordagem afetiva, além de aumento na percepção de apoio social e níveis de autoeficácia e autonomia. As entrevistas confirmaram que os adolescentes desenvolveram mais assertividade, empatia e paciência e se sentiram mais capazes de buscar melhorias para suas vidas e ajudar os outros. Houve também um crescimento nas dimensões de relacionamentos afetivos, aspirações positivas e religião e espiritualidade. De fato, a adequação da intervenção à realidade dos participantes, baseada em revisão bibliográfica e avaliação de necessidades, foi essencial para o sucesso do programa.

Apesar das contribuições significativas, o estudo apresenta algumas limitações. A amostra foi reduzida devido a dificuldades de acesso às instituições e o impacto da pandemia da covid-19, que retardaram a coleta de dados. Para futuros estudos, recomenda-se acessar um maior número de instituições públicas e não governamentais, possibilitando alcançar mais adolescentes. Somado a isso, seria importante implementar delineamentos com grupo com controle e medidas de *follow-up*. Conclui-se que este estudo inovou ao investigar os recursos pessoais e contextuais de adolescentes em acolhimento institucional que podem atuar como fatores de proteção. Assim, entre as implicações práticas dos achados, destaca-se que a amostra foi composta por adolescentes com histórico de violação de direitos, o que evidencia a necessidade urgente de implementação de intervenções eficazes voltadas a essa população. Além disso, torna-se fundamental investir na capacitação de educadores sociais, a fim de que possam fomentar recursos pessoais e relacionais nos adolescentes em acolhimento institucional. Tais ações devem estar articuladas à formulação de políticas públicas que apoiem de forma sistemática e estruturada o processo de transição para a vida adulta desses jovens, promovendo sua autonomia, inserção social e cidadania.

Referências

- Bandura, A. (1994). Self-efficacy. In V. S. Ramachandran (Ed.), *Encyclopedia of Human Behavior* (Vol. 4, pp. 71–81). Academic Press.
- Barbosa, P. V. (2014). *O desenvolvimento da autonomia adolescente: Contexto, valores, estilos educativos e a legitimidade da autoridade parental* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102341/000932789.pdf?sequence=1>
- Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2015). Como se define a autonomia? O perfil discriminante em adolescentes gaúchos. *Temas em Psicologia*, 23(4), 1077–1090. <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751493021.pdf>
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bastos, R. O. (2014). *Projectos de vida de adolescentes institucionalizados* [Dissertação de mestrado, Universidade Portucalense]. Repositório UPT. <https://repositorio.upt.pt/server/api/core/bitstreams/b51fab89-8422-49aa-9b19-b23320685b9e/content>
- Calabar, F. P. (2018). *Habilidades sociais de crianças e adolescentes de instituições acolhedoras vítimas de violência* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro]. Biblioteca digital. <https://encurtador.com.br/pqny>
- Carvalho, C. C., Ikeda, C. F., & Rocha, G. M. (2015). Programa de intervenção para um grupo de jovens em situação de acolhimento institucional. *Tuiuti: Ciência e Cultura*, 4(51), 155–170. <https://revistas.utp.br/index.php/h/article/view/901>
- Cassarino-Perez, L. (2018). *Entre o acolhimento institucional e a vida adulta: Uma análise do processo de transição* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/188726>
- Cassarino-Perez, L., Montserrat, C., & Sarriera, J. C. (2020). Fatores protetivos e de risco na transição entre o acolhimento institucional e a vida adulta. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(1), 142–167. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.50794>
- Cepukiene, V., Pakrošnis, R., & Ulinskaite, G. (2018). Outcome of the solution-focused self-efficacy enhancement group intervention for adolescents in foster care setting. *Children and Youth Services Review*, 88, 81–87. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2018.03.004>
- Conselho Nacional de Justiça. (2023). *Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento*. CNJ. <https://encurtador.com.br/AudB>
- Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. (2009). *Orientações técnicas para os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes*. Conanda. https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes-tecnicas-servicos-de-acolhimento.pdf
- Cordeiro, N. C. P., Dias, T. P., & Sá, L. G. C. de. (2022). Análise das habilidades sociais de crianças e adolescentes institucionalizados e não institucionalizados. *Psicologia em Pesquisa*, 16(2), 1–23. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.32568>
- Cruz, E. J. S., Cavalcante, L. I. C., & Pedroso, J. S. (2022). Rede de apoio social e afetivo de adolescentes em acolhimento institucional e de seus familiares. *Psicologia Argumento*, 40(109), 1751–1775. <https://doi.org/10.7213/psicolargum40.109.AO05>
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2009). *Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação*. Casa do Psicólogo.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2017). *Competência Social e Habilidades Sociais: Manual teórico-prático*. Vozes.
- Dellazzana-Zanon, L. L., Zanon, C., Noronha, A. P. P., Oliveira, M. V., & Rosado, A. F. P. (2019). Evidências preliminares de validade da Escala de Projetos de Vida para Adolescentes. *Avaliação Psicológica*, 18(4), 429–437. <https://doi.org/10.15689/ap.2019.1804.18602.11>
- Fernandes, L. M. (2021). *Fatores protetivos e de risco pessoais e contextuais ao final do ensino fundamental: Um estudo de avaliação e intervenção* [Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca digital. <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/17337>
- Fragoso, C. G., Rueda, A. A., & Benítez, Y. G. (2012). Programa de intervención para el desarrollo de habilidades sociales em niños institucionalizados. *Acta Colombiana de Psicología*, 15(2), 43–52. <https://repositorio.ucatolica.edu.co/bitstream/10983/963/1/v15n2a05.pdf>
- Gomes, F. Z., Tomasi, C. D., Ceretta, L. B., Birollo, I. V. B., & Amboni, G. (2016). Adolescentes e construção do projeto de vida: Um relato de experiência. *Revista Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva da Unesc*, 3, 1–14. <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/prmultiprofissional/article/view/3035>
- Gomide, P. I. C. (2010). *Comportamento moral: Uma proposta para o desenvolvimento das virtudes*. Juruá.
- Howes, G. (2012). *Proposta de intervenção no ensino médio para a construção do projeto vital de adolescentes* [Monografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/>
- Leal, N. S. B., Albuquerque, L. A. F. P., & Alberto, M. F. P. (2023). Autonomia e projeto de vida em instituições de acolhimento: Uma revisão sistemática. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 16(3), e20027. <http://dx.doi.org/10.36298/>
- Leão, G., Dayrell, J. T., & Reis, J. B. D. (2011). Juventude, projetos de vida e ensino médio. *Educação & Sociedade*, 32(117), 1067–1084. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000400010>
- Lei n. 13.257, de 8 de março de 2016. (2016, março 9). Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), entre outras. Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm

Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990, julho 16). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Leme, V. B. R., Fernandes, L. D. M., Jovarini, N. V., Achkar, A. M. E., & Del Prette, Z. A. P. (2016). Social Skills Program for adolescents in vulnerable social contexts. *Psico-USF*, 21, 595–608. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210313>

Leme, V. B., Coimbra, S., Gato, J., Fontaine, A. M., & Del Prette, Z. A. (2013). Confirmatory factor analysis of the generalized self-efficacy scale in Brazil and Portugal. *The Spanish Journal of Psychology*, 16(1–19), 1–11. <https://doi.org/10.1017/sjp.2013.93>

Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. (2023). *Vigilância Socioassistencial: Censo SUAS 2022: Unidades de Acolhimento*. MDS. <https://aplicacoes.mds.gov.br/snas/vigilancia/index2.php>

Palacios, J., Moreno, C., & Román, M. (2013). Social competence in internationally adopted and institutionalized children. *Early Childhood Research Quarterly*, 28(2), 357–365. <https://doi.org/10.1016/j.jecresq.2012.08.003>

Poker, T. C. D. (2017). Políticas de identidade no sistema de acolhimento a crianças: A história de vida de uma pós-abrigada. *Psicologia & Sociedade*, 29(1–9), e171345. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i171345>

Samssudin, S., & Barros, A. (2011). Relação entre as crenças de autoeficácia e o apoio social na transição para o trabalho em estudantes finalistas do ensino superior. *Psicologia*, 25(1), 159–171. <http://hdl.handle.net/10451/902>

Segrin, C., McNelis, M., & Swiatkowski, P. (2016). Social skills, social support, and psychological distress: A test of the social skills deficit vulnerability model. *Human Communication Research*, 42(1), 122–137. <https://doi.org/10.1111/hcre.12070>

Silva, J. R. L. A., Pereira, V. A., & Donatto, M. L. (2021). Habilidades sociais e acadêmicas de crianças e adolescentes em instituições de acolhimento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(4), e203205. <https://doi.org/10.1590/1982-37032003203205>

Silveira, P. S. (2020). *Habilidades sociais, autoeficácia e percepção de apoio social de adolescentes de instituições acolhedoras* [Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca digital. <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/18770>

Silveira, P. S. (2024). *Programa de habilidades sociais e construção de projeto de vida para adolescentes em instituições de acolhimento* [Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca digital. <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/22854>

Souza, M. S. D., Soares, A. B., & Freitas, C. P. P. (2021). Avaliação e acompanhamento de um Treinamento de Habilidades Sociais (THS) em crianças do ensino fundamental. *Psicologia Clínica*, 33(1), 95–118. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v003n01A05>

Squassoni, C. E., Matsukura, T. S., & Panúncio-Pinto, M. P. (2016). Versão brasileira do Social Support Appraisals: Estudos de confiabilidade e validade. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 27(1), 1–11. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v27i1p1-11>

Valin, T. A. F., & Rocha, V. G. M. (2022). Avaliação de uma intervenção analítico-comportamental para meninas em acolhimento institucional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 24(1), 1–16. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v24i1.1569>

Wendt, B., & Dell'Aglío, D. D. (2024). Programa em Práticas Educativas Positivas para Educadores Sociais de Instituições de Acolhimento: Estudo Quase Experimental. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 24(e78556), 1–18. <https://doi.org/10.12957/epp.2024.78556>

Priscila Sá da Silveira

Doutora no Programa de Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Psicóloga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Vanessa Barbosa Romera Leme

Professora no Programa de Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Psicóloga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1D.

Endereço para correspondência

Rua São Francisco Xavier, BL B
Maracanã, 20550-900
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Como citar este artigo

Sá da Silveira, P., & Barbosa Romera Leme, V. Programa de Habilidades Sociais e Projeto de Vida para Adolescentes em Instituições de Acolhimento. *Psico*, e47266. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2026.1.47266>

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.